

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

EDUCAÇÃO DO CAMPO: O TRABALHO E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

LARANJEIRAS DO SUL

2014

SONIA TEREZINHA FABRO

EDUCAÇÃO DO CAMPO: O TRABALHO E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Fernando Cavalcanti Moreira.

LARANJEIRAS DO SUL

2014

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO.....	6
2.1 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.....	7
3 RESULTADOS.....	7
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
5 REFERÊNCIAS.....	13

RESUMO

Neste artigo, analisamos o questionário respondido pelos educandos das séries do Ensino Médio, do Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, escola base das itinerantes do Estado do Paraná, localizada no município de Rio Bonito do Iguaçu, no Assentamento Marcos Freire. Procuramos entender através das respostas, a concepção do trabalho no campo e em que medida este proporciona a compreensão dos processos de produção científica e tecnológica na transformação das sociedades, nas condições naturais de vida e na educação. Nesta análise percebemos as contradições apresentadas sobre a permanência no campo dos educandos após o término dos estudos. De acordo com as respostas do questionário, os entrevistados declaram que querem vir morar na cidade pela facilidade para encontrar trabalho com carteira assinada e/ou cursar uma faculdade, e assim ter uma qualidade melhor de vida. Outros gostariam de permanecer no campo, justamente por acharem que lá, a qualidade de vida é melhor. Um dos benefícios citados por eles foi o programa Projovem pois este, proporciona uma renda financeira para a família, utilizando as técnicas aprendidas neste curso. Este artigo busca contribuir para a reflexão sobre as formas de participação dos jovens no mundo do trabalho, cidade e campo, e como eles entendem os novos conceitos de trabalho, para a superação dos desafios que vão enfrentar, com relação a sua permanência ou não no campo com qualidade, com trabalho e com acesso as tecnologias e aos bens de consumo.

Palavras-chave: trabalho; educação do campo; campo; cidade.

1 INTRODUÇÃO

O referencial teórico metodológico deste estudo busca explicitar o vínculo entre o trabalho e a educação no campo. A educação é entendida como campo imaterial que atua direta e indiretamente na modificação do modo material da vida camponesa. O trabalho é considerado uma categoria expressamente humana, atua de maneira interativa e completa com a cultura, a política e a educação. Portanto, entende-se que trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Muito se tem discutido, escrito e refletido sobre essas duas questões.

A cisão entre educação e trabalho se deu quando da apropriação privada da terra, gerando automaticamente a divisão dos homens em classes.

Essa separação ocorreu também entre escola e produção e reflete a divisão que se processou ao longo da história entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Mas, é preciso considerar que, após o surgimento da escola, a relação entre trabalho e educação assume uma dupla identidade. Após o aparecimento de uma classe que não precisa trabalhar para viver, possui a terra, os meios de produção e o capital, surge uma educação diferenciada, que era a educação escolar, ao contrário da maioria do povo que se educava no próprio processo de trabalho. Era o aprender fazendo, agindo sobre a matéria e transformando-a.

É importante observarmos como a lógica e os modos de controle do capital entram na escola através de seu conteúdo e do seu currículo. As escolas atuam como mecanismos de classificação. Elas distribuem os indivíduos pelos seus lugares apropriados dentro da divisão hierárquica do trabalho e transmitem as disposições, normas e valores necessários aos trabalhadores para sua participação eficaz no seu lugar respectivo. O modelo de desenvolvimento capitalista na agricultura brasileira a partir da década de 70 determinou transformações na estrutura da produção. Estas transformações contribuíram para a consolidação do mercado de trabalho e para adequação da força de trabalho às novas imposições do capital.

A concentração da terra, da renda e da tecnologia expropriou um grande

contingente de trabalhadores rurais que, em grande parte, transformaram-se em trabalhadores assalariados no campo. Um contingente significativo de pequenos produtores não consegue mais manter-se com os ganhos de sua própria produção, necessitando empregar-se como assalariado na agricultura e em outros setores da economia.

O trabalho e a ciência associados, conseqüência do desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, estabelecem novas formas de relação entre o conhecimento, a produção e as relações sociais. Isso se reflete no campo e por conseqüência interfere na educação desses sujeitos na produção e no conhecimento das tecnologias científicas. Muda também as relações do trabalhador do campo com o trabalho e com a escola. Isso nos leva a concordar com Arroyo (1999), quando diz:

Um projeto de educação básica do campo tem que incorporar uma visão mais rica do conhecimento e da cultura, uma visão mais digna do campo, o que será possível se situarmos a educação, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura como direitos e as crianças e jovens, os homens e mulheres do campo como sujeitos desses direitos. (ARROYO, 1999, p.32).

Entender essas relações (tecnologia, trabalho e educação) e perceber as mudanças que ela ocasionam na vida familiar e social desses sujeitos é a intenção desse estudo, entendendo que a educação básica no campo deve ser colocada no terreno dos direitos: direito ao saber, direito ao conhecimento, direito à cultura produzida socialmente. Pensar uma proposta de educação básica do campo para superar a visão homogênea e excludente e avançar para uma proposta que valorize positivamente esses sujeitos sociais, analisando a realidade do mundo do campo, na visão dos alunos do Ensino Médio, residentes no campo, através de questionamentos para compreender outras formas de saberes, oriundos das linguagens próprias desses sujeitos que se inserem no mundo educativo e do trabalho, na transformação científica

que se opera no campo através das tecnologias e que transformam o jeito de viver e de pensar desses educandos.

2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada com 56 alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, estudantes do Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, localizada no Assentamento Marcos Freire que pertence ao município de Rio Bonito do Iguaçu.

O Colégio Iraci Salete Strozak funciona nos três turnos. No período diurno, com turmas do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), Ensino Médio e Ensino Médio Profissionalizante- Formação de Docentes e no período noturno com turmas da EJA (Educação De Jovens e Adultos). Além de ser a Escola - Base Itinerante das escolas que funcionam nos acampamentos em vários municípios do Paraná. Este colégio tem uma proposta pedagógica diferenciada, que contempla os ciclos de formação humana, avaliação diferenciada por pareceres e não notas e conselho de classe participativo. Todos seus educandos residem na zona rural, filhos de trabalhadores rurais assentados.

2.1 Organização da Pesquisa de Campo

Foi distribuído aos alunos das três séries, um questionário com 03 (três) questões abertas para que respondessem de acordo com sua experiência de vida e solicitado também que escrevessem um relato referente à sua história de vida no campo. As questões foram as seguintes:

- 1) O que o jovem encontra no campo?
- 2) Porque o jovem não permanece no campo?
- 3) Quais os principais motivos para a evasão do campo?
- 4) Relate de sua história no campo.

3. RESULTADOS

Com relação à primeira questão, que indaga sobre o que o jovem encontra no campo, a maioria dos alunos relatam que a vida no campo é boa, com escola, com transporte escolar e posto de saúde. Embora todos afirmem que o transporte escolar não funciona nos dias em que chove muito e que o posto de saúde só funciona durante o dia e, caso houver necessidade de médico à noite, terão que vir para a cidade, correndo o risco de demora no atendimento, pela distância da moradia dentro do assentamento até a cidade mais próxima. Ainda, alguns educandos se referem a alimentação saudável produzida para o consumo da família, a criação de vacas leiteiras para a produção, consumo e a venda de leite, citada por todos como uma renda muito importante e lucrativa; a plantação de soja, milho e feijão para venda e consumo, sempre dependendo do clima, do tempo, do sol ou da chuva para se obter uma safra que sustente toda a família.

A maioria cita que o trabalho agrícola é pesado e cansativo, debaixo de sol forte, sem horário certo para descansar e com o receio de não ter uma safra boa e não poder honrar as dívidas feitas pela família. Acham que a remuneração pelo trabalho no campo não lhes dá lucro e não sobra para outras necessidades ou para comprar máquinas para fazer o trabalho na lavoura. Os alunos dizem ser esse um dos principais motivos da evasão do campo. Uma parte pequena dos alunos escreve sobre as facilidades que encontram no campo, como casa própria, sem precisar pagar aluguel, alimentação saudável e água de graça, tranquilidade e diversão com as reuniões e festas comunitárias, o conhecimento e o convívio com os vizinhos, espaço para morar bem e mais importante a terra como bem familiar.

A segunda e a terceira questões, questionam sobre a não permanência do jovem no campo e os motivos dessa evasão, por isso a análise será feita em conjunto. Nas respostas identificamos opiniões quase que unânimes. Relatam, que a maioria deles, ao terminar o Ensino Médio ou próximo de concluir, querem estabilidade com um bom emprego, cursar uma faculdade, adquirir

bens de consumo, diversão variada como cinema, balada ou conhecer e ter novas amigas e ainda, aqueles que saem para obter renda melhor com um bom salário e voltar para ajudar os pais e familiares investindo na propriedade rural. Outro motivo identificado nas respostas foi a gravidez na adolescência e por consequência disso, essas jovens saem do convívio familiar por razões morais e familiares, migrando para as cidades, na maioria das vezes para trabalhar como domésticas.

Ainda nestas questões identificamos que alguns educandos não vêem vantagem em morar na cidade e preferem continuar com os pais na lavoura, apesar de não participar do trabalho braçal, apenas ajudando em casa no trabalho mais fácil.

Citam o programa Pró Jovem que consiste em:

O Projovem Campo – Saberes da Terra constitui-se em um Programa Nacional de Educação de Jovens e adultos com escolarização na modalidade de EJA integrado com o objetivo de elevação da escolaridade e qualificação social e profissional para agricultores/as e familiares. Foi estruturado para atender jovens e adultos na faixa etária de 18 a 29 anos, residentes no campo, e que haviam concluído a IFase do Ensino Fundamental, no Paraná; o diferencial foi ter atendido também educandos/as com mais de 30 anos. (BRASIL, 2008)

Mencionam que essa renda mensal pode ser utilizada na compra de vacas leiteiras ou na produção de legumes e hortaliças para manter o jovem no campo. Relatam ainda, poder participar dos cursos técnicos fornecidos pela escola e pelas associações que ajudam a aprimorar seu conhecimento em relação ao plantio e cuidado com a terra, o uso de tecnologias para maior produção de grãos e a utilização de máquinas para o plantio e colheita. Os relatos se referem também à intenção de cursar uma faculdade, citando a UFFS, Universidade da Fronteira Sul, situada no Assentamento 8 de junho, pertencente ao município de Laranjeiras do Sul e que destina os cursos de agronomia, engenharia da aquicultura, engenharia de alimentos, ciências

econômicas e educação do campo, preferencialmente aos filhos de agricultores da região.

Muitos desses alunos afirmam ser bom viver no campo, mas, ao mesmo tempo se contradizem afirmando ser muito sofrido, dependendo sempre do fator climático para ter uma renda estável. Assim, é importante observar essa dicotomia entre campo e cidade, e as contradições nas opiniões desses estudantes, que é visível e tem que ser trabalhada nas escolas do campo.

Estudar e entender que o trabalho deve ser o projeto educativo das escolas do campo onde se vinculam os conhecimentos escolares ao mundo do trabalho e da cultura, tendo como objetivos formativos mais amplos, não só as formas de trabalho assalariado, nem somente o trabalho familiar simples, mas a associação de produtores livres, através de formas mais complexas e abrangentes de cooperação entre os camponeses, deve fazer parte do trabalho pedagógico das escolas do campo.

Barbosa Franco infere que o trabalho só pode ser encarado como princípio educativo se tomado em seu primeiro significado, como trabalho concreto, criador de valores de uso, ou seja, em sua dimensão emancipadora. Pensar a formação completa para a leitura do mundo, para a atuação como cidadão, superando a divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir e planejar sua vida integralmente. É necessário apresentar um projeto educativo comprometido com a formação humana, não somente ensinar a fazer e se preparar para o mundo do trabalho, mas proporcionar a compreensão da dinâmica sócio produtiva da sociedade moderna, para habilitar os sujeitos do campo para o exercício autônomo e crítico de profissões que agora são importantes e diversas também no mundo do campo (1989, p.29-38).

Na quarta questão, solicitou-se que relatassem um pouco de sua história de vida. Os relatos são importantes para observar as contradições e afirmativas dadas nas respostas anteriores. Muitos desses educandos foram pioneiros na ocupação dessas terras. Vieram muito pequenos ou nasceram

neste período de ocupação, que teve início em 1996, às margens da BR-158 entre os municípios de Saudade do Iguaçu e Laranjeiras do Sul, chamado Buraco e que foi uma das maiores aglomeração de pessoas, equivalente a 12 mil, cujo motivo comum era a posse da terra. Outros educandos relatam que chegaram ao assentamento após adquirir lotes dos primeiros proprietários. Portanto, apresentam uma visão diferente daqueles educandos que passaram pelo processo de luta para a conquista da terra.

Todos os relatos são interessantes e demonstram as dificuldades passadas pelas famílias como a falta de saneamento básico, alimentação, atendimento médico, enfim falta de condições mínimas de saúde. Um dos relatos de um aluno da 2ª série do Ensino Médio, chamou a atenção e foi transcrito na íntegra:

meus pais moram aqui no campo des do primeiro acampamento. Mais eu nasci quando meus pais chegaro no acampamento do buraco, mais como na quele tempo estava morrendo muitas crianças devido as fumaças, eles me mandaro para casa da minha tia em Quedas do Iguaçu, lá onde eu fiquei des do meus 15 dias de nascido até os 2 anos e 3 messe que foi quando meus pais já tinha se colocado no lote, mais como as plantas asvezes não ia bem, muitas vezes nois ficavamos sem se alimentar, muitas vezes meu pai pensava em vender o lote para nois irmos para a cidade, só que minha mãe não concordava pois não ia valer a pena de pois de tudo o que eles tinham passado para chegar onde chegaro. Logo mais tarde minhas irmãs tambem foram embora para a cidade e acabaram abandonando tudo tambem, e só restou eu e meus irmãos e minha mãe aqui no campo mais, eu assim que terminar meu 2º grau eu vou para a cidade em busca de uma boa faculdade já que o campo não oferece isso, e nem um bom emprego, mais em compensação eu aprendi que a gente tem que ser um bom aluno ou ter uma boa escola não precisa ser particular e muito menos da cidade, pois a educação do campo as vezes chega a ser 10 vezes melho do que a da cidade, e tambem temo que aproveitar as condições que o campo nos oferece para nos construirmos um bom futuro. (SIC)

Percebe-se que os educandos questionados sentem a necessidade de realizar ações que amenizem o seu cotidiano, que tragam melhorias para o campo, que seus sonhos se concretizem e que a escola, ponto de referência, os ajude a conhecer entender e respeitar a realidade que os cerca, sua vida, seu trabalho, sua vivência social e suas manifestações culturais. Portanto, com base nestas considerações, perguntamos: O que está acontecendo no espaço

rural? Que contradições são estas? Como a escola do campo ganha espaço neste contexto? É preciso compreender que a educação do campo não emerge no vazio e nem é iniciativa das políticas públicas, mas emerge de um movimento social, da mobilização dos trabalhadores do campo, da luta social. É fruto da organização coletiva dos trabalhadores diante do desemprego, da precarização do trabalho e da ausência de condições materiais de sobrevivência para todos. Ainda que compreendamos as razões sociais e políticas para a mobilização em torno de uma educação do campo, continuamos questionando a respeito do contexto social, das condições materiais para o desenvolvimento de uma educação do e no campo.

Nesse sentido, é necessário que essas questões estejam presente em toda a educação escolar dos que vivem do trabalho, seja ele no campo ou nos centros urbanos, que a reprodução do conhecimento seja orientada num sentido ético para melhorar a vida coletiva e não apenas produzir bens de consumo e fortalecer o mercado, mas privilegiar o valor da troca, a produção de conhecimento, de tecnologia, para o desenvolvimento de outras capacidades como de interpretar, analisar, criticar, refletir sobre as práticas sociais para buscar soluções e propor alternativas para os que até agora foram excluídos .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo não foi comparar o trabalho no campo com o trabalho na cidade, mas sim perceber como os jovens que vivem e estudam nas escolas do campo ainda tem uma visão diferenciada sobre a cidade. Dizem que na cidade encontram mais pontos positivos como melhores empregos, renda fixa, facilidade à escola, aos serviços de saúde, ao comércio.

Percebemos, que apesar das escolas do campo darem aos educandos condições para que eles permaneçam no campo, com cursos técnicos, programas de incentivos, acesso à universidade, assim como outras experiências que deram certo a favor da Educação do Campo e que estão abrindo espaço para que novas iniciativas sejam tomadas, ainda assim seu sonho e seu olhar é voltado para a cidade. Entendemos que isso é uma postura cultural e histórica, que levará um tempo muito longo para modificar e que as escolas do campo terão que se ajustar e acompanhar essa mudança lenta e difícil, adequando os conteúdos escolares, buscando o diálogo com os interesses, as culturas e as especificidades dos sujeitos do campo.

A compreensão final é que a educação e o trabalho precisam ter um estudo mais aprofundado a medida em que se transformam e ganham novos significados e se refletem nos novos modos de produção de vida, de trabalho, de sustentabilidade dos sujeitos do campo. E, a educação do campo vista como uma forma de cooperação para esses novos estudos e olhares, terá que se manter à frente dessas discussões, para que não fique à margem desse processo, reproduzindo discursos e práticas carregada de representações simbólicas da sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A educação básica e o movimento social no campo**. In: Caderno nº2 "Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo" Brasília, DF: Editoração eletrônica, p. 13-52,1999.

ARROYO, Miguel Gonzalez & Fernandes, Bernardo MANÇANO (1999). **A educação básica e o movimento social no campo**. Brasília,Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo (Coleção Por uma Educação no Campo, vol.2).

BRASIL. **Coleção Cadernos Pedagógicos: ProJovem Campo – Saberes da Terra**. Programa Nacional de Educação de Jovens Integrada com a Qualificação Profissional para Agricultores e Familiares, 2008

CADERNOS TEMÁTICOS: educação do campo/Paraná. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Curitiba: SEED-PR, 2005

DIRETRIZ CURRICULAR da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná. 2010

FRANCO, Maria Laura P.B. **"Possibilidades e limites do trabalho enquanto princípio educativo"**. In:Cadernos de Pesquisa, Revista de Estudos e Pesquisas em Educação, nº 68, São.Paulo, Fund. Carlos Chagas,1989,p.29-38.